

educar para o diálogo educar para a paz

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão "nas nuvens"
ele pode ser livre***

***e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em***

www.apartilhadavida.com.br

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

A visão de pelo menos quatro tendências visíveis no processo evolutivo da humanidade. São tendências simultâneas e complementares. Primeiro: no sentido da crescente personalização, ou desenvolvimento da subjetividade, da singularidade de cada ser humano, individualmente. No sentido de crescente socialização, ou a partilha, tanto dos recursos materiais essenciais para a preservação e reprodução da vida dos indivíduos e da espécie entre as gerações atuais e futuras, quanto da riqueza interior de pessoas sempre mais desenvolvidas e realizadas, através da partilha recíproca, da comunicação genuinamente cooperativa e da solidariedade. Terceira: no sentido de crescente espiritualização, manifestada pela prevalência do conhecimento sobre a força física, no atual sistema eco-social, apontando para o desenvolvimento dos potenciais superiores do ser humano, a mente, a emoção, a psique e o espírito. Quarta: no sentido de crescente amorização, no crescente desenvolvimento do ser humano como ser altruísta, amoroso, ou a expansão e crescente manifestação dos sentidos caracteristicamente humanos da solidariedade, da cooperação, da compaixão e do amor¹.”

Escolhi para começarmos as nossas reflexões sobre alguns fundamentos de uma educação para o diálogo, a solidariedade e a paz, uma passagem de um dos capítulos de um livro que dois amigos escreveram juntos: Leonardo Boff e Marcos Arruda. A longa citação acima é de Marcos Arruda. É uma longa passagem carregada de esperança em um livro que, no entanto, não deixa de ser bastante realista frente ao processo de globalização que o modelo político-econômico dominante - e cada vez mais “imperial” - nos impõe a todos, lá e aqui.

O que deve ser lembrado agora, é que tanto ontem quanto em nossos dias, a ameaça de um mundo envolvido em conflitos e entre guerras está sempre presente. Viramos um século e um milênio e ingressamos na “Era de Aquário”, mas a Paz sonhada e, segundo alguns, inevitável desta “Era” em diante, não parece de modo algum estar próxima de nós. E o que nos ameaça não é apenas a guerra, mas a possibilidade de um retorno à barbárie, como se qualquer guerra já não fosse, em si e por si mesma, uma forma de barbárie. Ela nos é apresentada pela *mídia* como se fosse apenas ou principalmente a violência urbana e o terrorismo. E, claro, estas escolhas de ameaçar ou mesmo destruir a vida de qualquer pessoa, você, eu, todas e todos nós indiferentemente, pelo fato de que

¹ Marcos Arruda, *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*, Editora VOZES, Petrópolis, 1998 .

não se consegue atingir aqueles que deveriam ser o alvo do ódio e da violência, é em si mesma uma antiga, terrível e persistente forma de barbárie.

A barbárie. Em suas várias faces todas as eras da história humana lidaram com ela. E bem sabemos que existem outras experiências da barbárie, e elas não são menores do que o terrorismo. E elas podem ser muito mais mortíferas e muito mais perversas, inclusive porque, ao contrário do terrorismo, elas nos são apresentadas como um exercício legítimo do direito à força e à violência contra outros seres humanos. E elas não cessaram quando os últimos campos de concentração nazistas foram destruídos, ou transformados em museu da memória do horror. A experiência limite do genocídio e do etnocídio está aí, sempre diante da vida ameaçada de povos inteiros. Diante de nós. Cessadas em algum lugar da Polônia ou da Alemanha durante a Segunda Grande Guerra, elas retornam em Kosovo. E, o que mais espanta: as suas formas mais elaboradas e mais cruéis não são pensadas e postas em prática pelos povos que o Ocidente branco, erudito e cristão deseja sempre situar entre os povos mais primitivos, mais “bárbaros”. Não devemos nos iludir.

No curso da história recente da humanidade, algumas das invenções menos humanas e mais perversas foram e seguem sendo criações sob governos e empresas de povos e nações povos que se assinam como os mais “civilizados”. Não foram bárbaros orientais os criadores dos campos de concentração. Não foram povos “do Leste” os que atiraram a primeira bomba atômica sobre casas de famílias e, não, sobre alvos militares. Não foram negros africanos os genocidas de Kosovo. Não são os povos “mais atrasados” os que invadem países, povos e cidades alegando que o fazem em nome da justiça internacional, quando bem sabemos que os seus mais do que os seus interesses reais são a posse e a salvaguarda de recursos naturais de valor estratégico e econômico.

Poucos anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Theodor Adorno, um pensador alemão, ao falar sobre a missão do trabalho do educador, associou-a ao perigo sempre presente do retorno da humanidade à barbárie. De que serve educar crianças e jovens? Serve a formar pessoas que, quando adultas, não sejam mais capazes de repetir o que os homens de sua geração haviam acabado de cometer. Ele escreveu isto:

A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira tarefa de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio nem ser possível nem necessário

justifica-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção².

Mereceu e segue merecendo, devemos constatar com pesar. Mas podemos lidar com alguma esperança real. Se em algum tempo da história uma forma de educação contribuiu a que algo como os campos de concentração viessem a existir, podemos crer que uma outra forma poderia formar pessoas para quem eles e tudo o mais que se pareça ao seu funesto destino nunca mais exista. Se crianças e jovens daqui e de todo o mundo podem estar sendo invadidos dia a dia por uma educação fundada em princípios e valores utilitários regidos pelo desenvolvimento da competência instrumental, do conflito e da competição, uma outra educação pode formar crianças e jovens voltados para a cooperação, a solidariedade e a Paz.

Estamos em plena “Década da Educação para Culturas da Paz”, proclamada pela UNESCO e estendida a educadores e outras pessoas de todo o planeta. E dentro e fora das escolas quase não nos lembramos disso. Quase nos desobrigamos que quando falamos – à esmo, às vezes – em “cidadania” e em “educação para a cidadania”, se quisermos ser coerentes e verdadeiros, devemos partir da idéia de que saberes, valores, sensibilidades e orientações de éticas e práticas da vida cotidiana não são “inatas” embora possam existir em nós, como o *amor* na teoria de Humberto Maturana, como uma vocação genética da espécie humana. Os fundamentos racionais e afetivos dos componentes da Paz são todos eles aprendíveis. E a escola é um dos lugares mais essenciais neste aprendizado.

Se quisermos ser abertos e verdadeiros em nosso ofício de educar, devemos nunca esquecer este esquecido princípio: de minha casa ao meu país, os mundos sociais em que vivo são os mesmos de cuja construção – para o bem ou para o mal – eu participo. Qualquer que seja o governo de minha nação, ele não existe por si e em si mesmo, mas é um contínuo e efêmero (mesmo quando pareça eterno) resultado de ações e negociações de e entre pessoas como nós e, não apenas, como “eles”. Criamos a cada dia o mundo onde vivemos, mesmo quando ele pareça mover-se ou ficar-se por conta própria e fora de nosso alcance. Somos em tudo com condicionados por um “mundo que nos faz”. Mas somos ainda e sempre livres o bastante para podermos fazer frente ao que neste mundo social de vida nos condiciona. Depois da epígrafe de Marcos Arruda, carregada de esperança no fator humano, e depois da citação desafiadora de Theodor Adorno, quero preceder ainda as nossas reflexões, escritas daqui em diante como uma

² *Educação após Auschwitz*, capítulo do livro: **Educação e emancipação**, publicado em nova edição pela Paz e Terra, do Rio de Janeiro, em 2000. Está na página 119.

seqüência de idéias-fundamento e de propostas de pensamento e de ação, com uma passagem de Jean-Paul Sartre. Ela pensa o que acabei de dizer acima de uma maneira muito direta e muito clara. Eu iniciei o livro: *Educação popular na escola cidadã* tomando-a como uma boa epígrafe. Vale a pena repeti-la aqui.

*O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas, o que ele faz é a sua própria história, a superação real dessas estruturas, numa práxis totalizadora*³.

Eu quis trazer aqui esta passagem de Sartre porque que ela nos aproxima com rara felicidade da questão da Paz das relações entre ela e a educação. Vejam bem: o essencial não é o que foi e segue sendo feito do homem. Isto é importante e boa parte do que estudamos em nossas pesquisas sociais tem a ver com esta complexa questão. Mas é o seu outro lado, a seu outro rosto o essencial. Pois o que importa é o que mulheres e homens fazem e não cessam de fazer *com* e *do* que fizeram deles e com eles.

O que foi feito e segue sendo feito dele e conosco são as estruturas do poder e da posse. São formas e os processos do controle de algum poder sobre as mentes e as culturas. São as estruturas e os aparelhos do exercício do poder entre pessoas tornadas socialmente desiguais; são as estruturas de criação e reprodução da exclusão, da subordinação dos muitos ao interesse de alguns poucos, de robotização da experiência humana, do tolhimento da liberdade; do exercício da violência e da violência proclamada como necessário e legítima e que se isenta e inocenta, para esmagar a violência daqueles entre os quais a violência original do poder e da posse entre desiguais obriga a existir e permanecer.

O que o homem faz é o que ele cria a partir do como vive ou do como é levado a viver. É o que ele cria quando existe na mente e no coração, nos gestos e nos atos de pessoas em busca de serem livres, através da difícil, mas inevitável construção cotidiana e solidária de sua própria liberdade. O que ele faz... apesar de tudo., é o que se cria nos incontáveis grupos e nas inúmeras redes sociais de pessoas unidas para de romperem, passo a passo, com o círculo da dominação, da guerra, da desigualdade e da violência auto-proclamada como legítima. O que “nós fazemos”, criando e fazendo isso, é a nossa própria história. Esta história não é um acontecer de grandes lances, como alguns livros nos tentam ensinar. É a

³ Esta citação me foi dada por escrito sem maiores citações me foi dada por escrito pelo professor Ildeu Moreira Coelho, de Goiânia.

seqüência vivida e pensada da própria vida cotidiana, quando além de ser a vida de cada dia, é a busca coletiva do sentido do viver cada dia. Em nome de um enfrentamento sem tréguas dos conflitos humanos sem causa e da desigualdade social, em busca do primado de uma igualdade entre pessoas e povos livres e diferentes.

A nossa pequena e infinita história é também o enfrentamento de tudo aquilo que em qualquer momento ameaça a harmonia entre pessoas e a paz entre povos, tendo como horizonte um mundo onde poder se torne cada vez mais a sua própria partilha, e a posse de bens se converta em trocas solidárias de um bem comum. Um enfrentamento sem tréguas face ao excesso de abundância concentrada entre aqueles que podem excluir, exilar e reduzir a pessoas a objetos e seres humanos a mercadorias. Um enfrentamento da *cultura da guerra* – sim, porque ela existe e se expande - em nome de uma *cultura da paz*, sim, porque ela pode vir a existir. Um sereno e persistente enfrentamento do crescimento em *mim* do meu medo do *outro*. Um outro dia em Osório, aqui mesmo no Rio Grande do Sul, Celso Vasconcelos lembrava, sem maiores referências, uma passagem em que alguém escreveu o seguinte na *Folha de São Paulo*:

Se continuarmos assim, em pouco tempo seremos um país dividido entre os muitos que não comem porque não têm o que comer e os poucos que não dormem, porque têm medo dos que não comem.

Ora, muito bem. Terminada essa “introdução” tornada maior do que o previsto, vejamos como podemos dialogar à volta de uma seqüência de idéias de base e de alguns preceitos a respeito da Paz e de seu aprendizado dentro e fora das escolas. Perdoem o ter dado a esta relação um nome um pouco solene. Vamos conhece-las juntos.

Pensamentos e preceitos de práticas em nome da Paz e de seu aprender

1º- Não há caminhos para a paz. A paz é o caminho.

Li isso uma vez, e ouvi várias vezes, em várias ocasiões. Não sei quem disse, quem escreveu. A paz não é uma existência social estabilizada por si mesma. Ela não é um lugar aonde chegam uma pessoa, um grupo social, um povo, um mundo. Menos ainda, a paz não é um dom,. Não é alguma coisa dada ou outorgada por aqueles que podem legitimamente decretar o que é a paz, decidir o

que fazer ou não fazer em favor da paz, e resolver como estender a paz aos outros. Que outros?

A paz é uma construção que pessoas em interação realizam em suas vidas, nos seus cenários de vida e em sua história, a cada dia e em cada momento e situação de cada dia da vida cotidiana. Na experiência humana, a paz é a realidade mais original. Mas é também a mais frágil e a mais instável. Mas é também, como vocação humana, a mais inevitável.

2º- Construir a paz em cada gesto e a cada gesto, não é algo raro e especial.

A criação da Paz não é uma experiência que possa ser estendida por alguns sábios, místicos ou governantes para ser vivida por e entre as outras pessoas. Ao contrário, somos todos os sujeitos da vocação da Paz e a criação de *culturas de paz* constituem um trabalho interativo social a ser vivido por e entre todas e todos nós.

A Paz é nossa verdadeira natureza. E, se assim é mesmo, então é preciso pensarmos com a companhia de Humberto Maturana⁴, mesmo que possamos ter algumas críticas à radicalidade de suas idéias. Somos seres originados pela emoção, e a emoção originária e dominante em nós, seres humanos é, ou deveria ser, o amor. O amor não é um sentimento romântico e individual. Ele é sempre interativo, pois é um constante sair de mim em direção ao meu Outro. Podemos dizer que a emoção que torna a paz inevitável e não-reversível, é o amor. Pois o amor - a emoção da experiência e da vocação original do ser humano - é um movimento gratuito e generoso em direção ao Outro. É um encontro com o Outro em que esse Outro, a começar pelo Outro de mim mesmo, vale e significa algo para mim como um ser-em-si-mesmo. Como um puro ser em si, pelo seu só existir por um momento, ou por uma vida, em mim, através de mim, comigo e em relação comigo.

Na relação original da emoção do amor, não há nem mesmo o desejo de conviver com, de ter ou de intencionar o Outro com quem eu partilho um breve ou longo momento de nossas vidas, como ser útil ou proveitoso para mim. Pois esta não deveria ser a razão do encontro entre pessoas numa relação amorosa, embora possa ser uma de suas conseqüências. Eu só amo *aquilo* e só amo *aquela*

⁴ Em alguns livros Humberto Maturana fala de uma "biologia da emoção" e de uma correspondente "biologia do amor". Entre os mais conhecidos e mais próximos ao trabalho da educação, estão os seguintes:

Formação humana e capacitação, escrito com a educadora chilena Sima Nisis de Rezepka, e publicado no Brasil pela Editora VOZES, de Petrópolis em 2000; **A Árvore do Conhecimento**, da Editora Palas Athena, São Paulo, 2002, *Cognição, ciência e vida cotidiana*, da coleção Humanitas, da Editora da Universidade Federal de Minas

cuja presença eu aspiro sem proveito utilitário algum. Se o outro é a pura e livre pessoa de si mesmo em meu pensamento e em meu afeto, não há necessidade alguma do desejo da posse e do exercício de algum poder sobre ele. A relação interativa e dialógica que vai até bem mais longe do que apenas uma questão de respeito, ou de partilha de “direitos humanos”, pois ela está fundada no amor do Outro, e é vivida entre seres que se amam porque se colocam, um para o outro, como puros sujeitos, é a relação matricial da construção da paz.

3º- O que há em nós que não seja a emoção original do amor, não é o nosso “outro lado”, é a nossa falha humana, a nossa doença.

A inveja, o rancor, o ódio, o desamor não são a contra-face, como os componentes do “lado de sombra”, daquilo cujo “lado de luz” seria o amor e a experiência interativa do amor. Inveja, rancor, desamor, ódio e seus derivados, são o que sinto quando vivencio o meu Outro como objeto. Como um alguém sobre quem eu sobreponho o meu desejo sempre insatisfeito de proveito utilitário, de posse, ou de exercício do poder. Em seu equilíbrio pleno, a pessoa humana é amor. Em sua busca de equilíbrio a pessoa é uma permanente, instável, progressiva e nunca realizada construção pessoal da experiência do amor, tal como ele pode ser vivido e posto em interação por uma pessoa⁵.

4º. - A paz não é originalmente um produto de política, ainda que ela possa ser sustentada e acrescentada por uma boa política.

Ela é um processo de interação entre pessoas reais, cotidianas. Não se decreta a paz. Não se vota a paz. Não se outorga a paz com constituições políticas e, menos ainda, com o peso dos exércitos. A paz é o que se cria quando entre pessoas, entre grupos humanos, entre sociedades e entre nações, o sentimento que guia a interação envolve o pleno respeito pelo outro e o abriga no amor. A paz não é abstrata. Ela é sempre interativa e começa com a acolhida do Outro no meu desejo de conviver com ele sem utilizá-lo em meu proveito. Isto é, o desejo do bem como razão de ser do estar com o Outro e partilhar com ele alguma coisa, algum momento, alguma situação, alguma vida.

A paz não existe *em*. Ela não se estabiliza em coisa alguma, em estrutura alguma. A paz é *entre*. Ela é essencialmente conectiva, interativa.

Gerais, Belo Horizonte, 2001, *A ontologia da realidade*, também da Editora Universidade Federal de Minas Gerais, em 1999.

⁵ Ver isto melhor explicado em *Formação humana e capacitação*, citado na nota anterior, na página 25.

Não se está em paz; vive-se a paz. Interativa e socialmente sempre se realiza a experiência da paz na acolhida do Outro. A paz é uma teia de gestos de vocação não violenta, porque nelas não há poder de posse do Outro e nem poder sobre o destino do outro. A paz é construída entre gestos de aceitação do Outro e de criação com ele de um momento. Um mínimo momento que inova o mundo e que entre eu e ele, ele e eu, a pessoa do Outro, seu rosto, seu ser, seu espírito, seu corpo, são acolhidos na ternura. São acolhidos no afeto, quem quer que ele seja, o que quer que ele faça. Pode ser que haja grandes gestos coletivos de paz, mas eu posso desconfiar deles. A paz e o lento aprendizado da paz estão muito mais na tessitura de infinitos pequenos interativos gestos de conexão da vida cotidiana, do que nos grandes rompantes da sua proclamação em algum raro momento de história.

5º - A paz começa a ser possível quando eu sou capaz de separar o ser da pessoa com quem eu me relaciono, do fazer dessa pessoa.

Isto vale também para o ser de um grupo, de um povo, de uma gente. Podemos lembrar o Mahatma Ghandi. Invento e improviso uma síntese de suas muitas idéias. Penso que se ele estivesse aqui, diria mais ou menos o seguinte, ao lembrar que ele viveu boa parte de suas na luta pela independência da Índia:

Eu tenho todo o direito de me opor ao poder do colonizador, de me voltar contra ele em todos os momentos, se eu estou certo, como estou, de que o seu poder é injusto, arbitrário e causa dor de infelicidade. Eu tenho este poder. Eu posso livrar através da não violência e da desobediência civil uma luta sem tréguas, não contra a pessoa do meu colonizador, mas contra a sua estrutura de poder e contra o exercício deste poder contra a minha pessoa, o meu povo, a minha gente, a minha nação. Posso enfrentá-lo, posso me opor a ele, posso combatê-lo, desde que eu reconheça não ter o mínimo direito de lhe fazer qualquer mal, qualquer que seja o efeito, em nome de qualquer direito legítimo. É o seu fazer sobre mim, sobre nós que eu combato, não a pessoa que faz”

Assim sendo, toda a pessoa rotulada torna-se um inimigo potencial. Toda a pessoa que eu quero transformar para fazer com que ela deixe de ser quem é, para vir a ser alguém com eu quero que ela seja, é uma vítima de minha violência. Minhas intenções podem ser boas, mas não deixam de ser uma fórmula, ainda que embrionária e inocente, do exercício da violência. Tudo o que eu posso

fazer em nome da paz é criar cenários de interação onde eu e ela, essa qualquer pessoa, possamos interagir através do que criamos e fazemos, e com base na absoluta liberdade do ser que somos, enquanto fazemos juntos o que criamos.

6º - Da mesma maneira como em qualquer relação humana regida pela emoção, o amor e do seu conseqüente pleno respeito à liberdade do ser, do sentir, do pensar e do viver de outra pessoa, eu não tenho direito de me impor a esse outro ser na mesma medida que tenho o direito e o dever de dialogar com ele e de enfrentá-lo, inclusive pedagogicamente, na dimensão do ser fazer e a respeito do que o seu fazer na nossa relação realiza em mim e significa para mim.

O campo de minha relação política e/ou docente, é o da expressão do fazer e suas conseqüências, e é também o campo das ações interativas regidas pelas emoções da pessoa com quem eu me relaciono. Não essa pessoa em si.

Qualquer relação em que, mesmo com a melhor das intenções, eu pretendo transformar o ser do Outro em mim mesmo, em alguém como eu, ou em aquele que eu projeto um ser segundo o meu desejo, é uma relação original de violência e é, por isso mesmo, uma relação em alguma medida negadora da paz. Nesse sentido, uma *educação para a paz* não pode impor aos seus educandos um modelo antecipado e programado de *estado de paz*, ou o modelo programado de uma pessoa rotulada como “cidadão construtor da paz”.

Em nome do Outro e de sua liberdade diante de mim, eu não posso educá-lo “para”. Educa-lo para realizar um projeto de futuro que eu acho bom e adequado para ele e para mim. Eu só posso nos educar, ele e eu, “em”. Em e dentro de cada momento de nossa relação., e para vivermos a plenitude crescente e abrangente dessa relação, como uma vivência livre da interação em e entre ele e eu.

7º- A experiência da construção interativa e social da paz e de culturas da paz é, em si mesma, abrangente, não exclusiva, ilimitada e totalizante.

Qualquer fronteira que deixe de fora do projeto solidário da Paz, é de alguma maneira uma violência contra esse algo ou esse alguém. Não posso amar “esse” e, não, “aquele”. O dilema proposto um dia por Jesus Cristo é absoluto. Não posso excluir os outros do amor, para viver o meu amor de uma maneira intensa apenas com aqueles que elegi para serem os sujeitos do meu amor.

Posso amar com graus e sentidos diferentes de amor. Mas não com amor desigual. Se eu odeio uma pessoa em nome do amor que eu tenho por outras, eu odeio a pessoa que eu amo e odeio todas as pessoas. Tudo aquilo e todo aquele que eu deixo de fora do meu projeto de paz é, de alguma maneira, um objeto de meu desamor; de minha violência, portanto. Tratados de paz não podem ser assinados entre dois lados contra um terceiro, porque quando se fala em nome da paz, ou todos estão incluídos, ou ninguém foi. Uma vez deflagrada, a aventura da construção da paz é uma teia amorosa de laços que se estendem de tudo a todos. A partir dos meus outros mais próximos, aos meus outros menos próximos. A partir dos meus outros menos próximos, aos meus outros distantes, menos próximos ainda, mas a serem tornados mais próximos. A partir daqueles com quem é fácil conviver em paz, em direção daqueles com quem é difícil conviver em paz. A partir daqueles que não são tanto “como eu”, em direção àqueles que são menos ainda “como eu” e que são, portanto, a minha diferença e, sendo limite da minha diferença, são aqueles que me permitem ser como eu sou. A partir da pessoa concreta de cada ser, do grupo humano, da comunidade, do povo, qualquer povo. E a própria humanidade; não a humanidade abstrata, mas ela mesma refletida na plenitude de cada ser concreto que a realiza em qualquer dimensão. A partir dos seres humanos, os seres da Vida, aqueles com quem compartilhamos a biosfera, e com quem partilhamos, em situações diferentes, mas com iguais direitos, a nossa casa-nave Gaia.

Pois a paz social é apenas uma dimensão da vigência da paz, e do inevitável alargamento abrangência da paz até as fronteiras entre a sociedade e o meio ambiente, entre a cultura humana e a natureza, de que as próprias sociedades humanas e as suas não são mais do que uma dimensão real.

8º - Não é por ser o contexto, ou um contexto de vida que a interação original do amor constrói, que a paz deve ser pensada e vivida como algo abstrato, inocente e separado o bastante da vida social para ser inexistente e tornado solene e sagrado a ponto de chegar a não ser mais uma experiência humana.

Ao contrário. O exercício de construção da paz na vida cotidiana e no fio múltiplo e complexo da história, é uma ação crítica, reflexiva e assumidamente militante. Nem é por ser contra a guerra, qualquer guerra, que a paz deixa de ser aguerrida. O nome social da paz é justiça, e o nome político da paz é liberdade.

O mundo regido, no todo em parte, pela exclusão, pelo arbítrio e pela desigualdade, pode falar sobre a paz, pode teorizar sobre a paz, pode pretender

falar em seu nome, mas em nada ele cria o contexto de culturas da paz. Se não houver pão, vida livre e az para todas as pessoas, eles não deveriam existir para ninguém. Usurpamos do direito de outras pessoas a paz que não convivemos com elas.

O exercício de construção social da paz é a denúncia sem tréguas das estruturas de poder geradoras da desigualdade e da opressão, da exclusão e da quebra da liberdade, logo de uma verdadeira e poderosa experiência de busca da paz. Esse é o mundo em que mesmo quando não há conflito, há violência. Em que mesmo quando não há uma guerra declarada, há uma plena inexistência de paz.

9º- Em nome da busca da paz, devemos saber distinguir a diferença entre a violência inevitável dos excluídos do direito à felicidade, e a violência arbitrariamente tornada legítima, exercida por aqueles que se apossam dos bens da vida, do poder de gestão de vidas e destinos, e dos meios culturais de tornar legítima esta violência.

Há uma violência que é a daqueles que perderam os seus direitos, e há uma violência dos que transformaram direitos universais em privilégios exclusivos. A primeira é uma pura violência; a segunda é a violência que se realiza como uma forma de barbárie. Assim, toda a aparente apropriação de um bem de sustento da vida, de parte de quem precisa daquilo que aparentemente “rouba” para sobreviver, não é um roubo. É um humano e legítimo de defesa de uma vida. Em uma direção oposta, Ghandi dizia: “Tudo o que você possui e não necessita é um roubo”.

Ao pensar na paz, poderíamos partir de uma idéia profundamente semeadora da paz. Não existe violência em si, assim como não existe um estado de paz em si mesmo. Existem relações sociais violentas. Existem estruturas de poder criadoras de relações sociais negadoras da paz. De igual maneira, existem relações sociais de criação e afirmação da paz. Relações de construção interativa da paz e contextos sociais capazes de abrigar, gerar e consolidar relações de vocação da paz. E existem aprendizados de e a respeito da paz.

10º - O amor é uma emoção original no ser humano, mas o exercício interativo do amor é aprendível. Logo, a paz é também ensinável. Podemos levar em conta que a origem do amor e do desejo de bem e da paz estejam na biologia do ser humano. Mas eles somente se desenvolvem através de seu exercício. E só é possível praticar relações de vocação de aceitação plena do Outro através do seu contínuo aprendizado.

A violência exercida por aqueles que não aprenderam a viver a *experiência humana da paz*, ou que perderam o *sentido de paz* em suas vidas, é um desvio de uma vocação humana inata, não aprendida ou perdida. Ela é algo que não apenas falta em nós, mas algo que nos desvia de ser quem devemos ser. É uma carência de algo no entanto aprendível, incorporável à lógica dos sentidos e dos significados com que uma pessoa orienta a sua vida. E é também uma experiência reincorporada às emoções essenciais de uma pessoa em qualquer momento de sua vida. Nunca é tarde para se aprender qualquer coisa de útil. Menos ainda, nunca é tarde para se aprender algo que tenha a ver com as vivências mais essenciais, mais fundadoras, mais importantes na vida de uma pessoa e nas interações entre seres humanos.

Toda educação que instrui, mas não educa; que capacita, mas não forma, apenas habilita quem aprende para ser o sujeito competente e competitivo dos projetos de vida a serviço do mundo dos negócios da sociedade do mercado. Esta pode ser uma capacitação para o êxito e o sucesso, segundo os termos do mercado de bens e de capitais. No entanto, ela é uma forma de contra-educação, frente à uma vocação pedagógica dirigida ao diálogo solidário, à gratuidade e à partilha amorosa de bens, de serviços, de sentimentos e de sentidos.

Não é preciso apenas aprender este ou aquele valor, esta ou aquela vocação de paz ou de amor, de harmonia, de gratuidade. É preciso aprender holisticamente a ir saindo dos circuitos dos bens e da esfera do poder, em direção ao círculo do dom e da partilha, da troca generosa entre pessoas tornadas iguais em suas diferenças. Isto não é apenas possível, embora pareça remar contra a corrente da “tendência geral de todas as coisas”. Isto é o próprio horizonte mais próximo de uma verdadeira vocação humana. Neste sentido é urgente desnaturalizarmos o que parece só poder “ser assim” porque é da natureza do ser humano”.

11º. A paz não é um dever dos seres humano antes de ser um direito de cada pessoa humana. Só pode legitimamente reclamar os seus direitos a uma vida livre, igualitária e em paz, aquele que se reconhece co-responsável pelo dever de criação social do primado da justiça, da igualdade e da paz no mundo em que vive.

Nós não habitamos um mundo de justiça e de paz como quando vivemos em uma sociedade onde de uma maneira igualitária os mesmos direitos e deveres são gerados e são outorgados por outros sujeitos. E, então, nos são

estendidos como uma espécie de direito doado, ou como uma carta concedida de direitos humanos.

Nós habitamos o mundo de justiça e de paz que construímos. Nós o habitamos quando nos reconhecemos e nos assumimos como seus co-autores. Como os seus cooperadores, como os co-responsáveis da construção cotidiana dos princípios, das leis, das normas, das cartas, das declarações, das constituições que nos regem e regem a ordem das relações no mundo em que vivemos. Quando nós deixamos de nos pensar apenas como passivos sujeitos-de-direitos e nos reconhecemos como sujeitos-de-deveres. Como pessoas livres, pessoas solidárias e sujeitos interativos na construção de suas vidas e dos mundos de cotidiano e de história em que as vivemos. O que há de mais importante na vida que compartilhos é que ela é criada por nós. E sendo criada por nós, ela poder também ser transformada por nós. Só vivo a paz como um direito quando conquistei antes o direito de criá-la como um dever.

12º - O mundo da paz é o mundo da verdade. O mundo da paz é o mundo da transparência de pessoas em busca do amor. E o outro nome do amor é: verdade.

Gandhi dizia: "Posso dizer da mesma maneira que a verdade é Deus e que Deus é a verdade". Algo semelhante podemos repetir com relação à paz. A paz tem o seu chão na verdade e tem o seu céu na verdade. Assim como não se cria uma experiência de paz sobre a injustiça e sobre a desigualdade, e assim como não se impõe a paz a mulheres e homens desiguais, mas se constrói uma paz entre diferentes igualados no que é essencial, assim também a experiência de criar a paz é a experiência de tornar transparentes, compreensíveis e partilháveis, entre todos os seus sujeitos, os sentidos e os significados que damos a nós mesmos, aos nossos outros, à vida e ao mundo.

Não há uma interação de Paz nas meias verdades, assim como não há meia paz na verdade. Isso nos leva a repensar a questão do multiculturalismo. Ele é muito fácil na inocência da cultura. Entre teorias e didáticas formais não é difícil respeitar o outro e aceitá-lo no que ele tem de aparentemente diferente de mim. Mas a aceitação do outro em suas diferenças e divergências é muito difícil ao longo da construção cotidiana de vidas coletivas e de experiências relacionais e grupais.

Como é que as crianças do Paraguai lêem e vivenciam a "Guerra do Paraguai?" uma guerra que para eles tem, inclusive, um outro nome? Como na escola paraguaia se conta essa guerra? E na Argentina e no Uruguai? E que mitos

guaranis falam desta guerra? De que maneiras diferentes, divergentes, essa guerra é contada e é compreendida? Que saberes, que valores e que sentimentos estão contidos em cada versão? Vejam bem: nós falamos tanto em paz, falamos tanto em compreensão profunda e aberta do Outro, façamos tanto em aprendermos a nos colocar “do ponto de vista do outro”. No entanto, em nossos mínimos ensinamentos permanecemos tão centrados em nós mesmos. Centrados em na nossa pequena história nacional. Uma história muitas vezes narrada a nós e a nossas crianças sempre contra um outro. Uma história gloriosa sempre contra a história dos outros. Somos tão amorosos da paz e do respeito pelo Outro. Mas quase tudo o que dizemos e ensinamos a nossas crianças provém de nos colocarmos contra os outros, acima dos outros, ou no limite, tolerando os outros.

Quem queira uma educação para a paz talvez devesse começar por aprender a ensinar a Guerra do Paraguai e outros acontecimentos da história às crianças gaúchas e brasileiras, colocando-as diante paraguaios, argentinos, uruguaios. E diante do saber dos mitos e dos contos dos povos indígenas que habitam o Rio Grande do Sul. Pois por melhor e mais transparente que almeje ser, toda a visão única de qualquer coisa corre sempre o perigo de tornar-se uma compreensão fanática. Da mesma forma como a religião que exclui outras é sempre uma forma assumida ou disfarçada de fanatismo. É sempre uma má lição de fundamentalismo intolerante. Se eu tenho um Deus que para ser o “meu deus”, precisa ser um Deus situado por mim contra todos os outros, então eu não tenho um deus do amor e da paz. Tenho para o meu uso um Deus do ódio e da intolerância.

13º- Frente a tudo o que se expressa culturalmente como linguagem e metáfora da violência e que impregna de uma maneira tão brutal o nosso cotidiano, e o dos nossos jovens e crianças na tv, nos jogos e esportes, e em praticamente todos os cenários interativos da vida social, podemos pensar e transformar em símbolos e significados, uma linguagem da paz.

Dentro e fora da escola, devemos vivenciar um grande esforço pessoal e coletivo para transitarmos da competição para a cooperação; da competência entre desiguais para a diversidade de realizações entre diferentes; de quantificações ranquicizadoras e desqualificadoras em nossas avaliações para compreensões mais igualitárias a respeito de vocações e desempenhos individuais e coletivos. Vivemos em um mundo onde o que importa mais a cada dia é a posição de algo ou de alguém em uma escala arbitrária de valores e de competência. Quem é o primeiro, o segundo e o último? Quem sobe no pódio e

quem fica fora dele? Em que lugar está o Guga, em que posição está a Seleção Brasileira de Vôlei? Qual o lugar do Brasil nesta ou naquela avaliações internacionais? Qual o meu lugar do meu banco, do meu sabonete, de minha teoria sobre isto ou aquilo? Que posição a minha universidade ocupa na última classificação da Playboy? Quantas páginas tem o meu curriculum vitae e quantos artigos publiquei neste ano?

Uma sociedade obcecada pela competição e pela avaliação de competências e rendimentos em todos os planos e dimensões da vida, não pode ser menos do que uma sociedade destinada ao conflito derivado da concorrência tornada valor fundador da própria vida das pessoas e dos grupos humanos.

Em nome de uma *cultura de paz*, devemos procurar sair da quantificação ranquicizadora em direção a uma diferenciada qualificação polissêmica, multireferencial, e não-competitiva. Uma compreensão de desempenhos como diferenças entre vocações de e entre pessoas, que traduza maneiras de ser e de realizar desempenhos diferentes, onde cada um seja pensado e mesmo avaliado através de seu próprio crescimento.

A criança na escola não pode ser avaliada em contraposição a outras crianças: os melhores e os piores, os bons e os maus, os estudiosos e os vagabundos, os da turma da frente e os da turma de trás, os destinados ao sucesso e os ao fracasso, os que passam e os que são reprovados. A escola precisa superar essa herança do mundo dos militares e dos empresários, se ela aspira pensar e praticar uma educação justa e uma educação dirigida à paz. Ela precisa aprender a escapar do “jogo guerra”, do “jogo mercado”, do jogo excelência-excludente, para o “jogo rito”, para o “jogo arte”, para o jogo vocação-includente; enfim, para o “jogo paz”.

Dissolver na escola, nas aulas e no recreio, a falsa idéia cultural de que só no perde-ganha há alguma graça e algum interesse. Que só quando alguém é derrotado e eu venço, a minha vitória faz sentido. Posso falar aqui um pouco da metáfora das montanhas. Vivi um bom tempo da minha vida escalando montanhas. E tenho enorme saudade disso. Escalávamos unidos uns aos outros na “cordada”. Estávamos uns nas mãos dos outros e não vencíamos ninguém, mas apenas nos vencíamos a nós mesmos, através de outras pessoas. E a felicidade não estava na derrota de alguém, mas na alegria de havermos chegado, todos juntos (mas um depois do outro) “lá em cima”.

Em nome de uma *educação para a paz* podemos começar a aprender a esquecer a idéia de que só no olho por olho há justiça e de que só na perda de um outro há uma ganho para mim. Trazer – e porque não? Para o âmbito da escola de todos os dias o ensinamento de que o maior ganho e a mais inteira vitória

estão em responder o mal com o bem,, a mentira com a verdade, a competição com a cooperação, o individualismo com a solidariedade e o prazer do conflito com o desejo da paz.

14º- A paz não pertence ao mundo da política nem ao mundo da ciência. Ela não é privativa de mundos estruturais e institucionais. Ela existe na vida cotidiana de pessoas simples, em suas comunidades. A interação entre duas pessoas é sempre o lugar do nascimento ou da morte da Paz.

Em nenhum momento da história humana a paz e a harmonia entre pessoas e povos aumentaram com o acúmulo de saber instrumental. Ela não melhora nem se aperfeiçoa com os avanços da tecnologia e ela não se estabiliza e nem cresce com decretos políticos internacionais ou nacionais de paz.

Ao contrário. A paz circula e faz interagir. Ela coloca idéias e teorias em confronto e abre diálogos entre ciências, filosofias, artes, ritos, jogos, trocas, espiritualidades, religiões e quaisquer práticas sociais com uma verdadeira vocação para a paz.

Nenhum campo de prática social é sozinho o lugar preferencial de construção da paz. A paz é o lugar de convergências, de confluências e não sendo uma estrada de mão única, não é nem também uma estrada de duas mãos, a da ida e a da volta. Ela é como uma praça. Uma praça pronta e sempre inacabada cujos habitantes e transeuntes podem estar chegando e saindo vindos de várias ruas e voltando pelas mesmas ou por outras ruas. A Paz não está situada em um lugar. A paz é aquilo que faz interagirem rumos, caminhos e lugares, bem como situações e momentos de criação da harmonia e do bem. E sendo caminho, já que “não há caminho para a paz” e “a paz é o caminho”, ela está sempre a caminho.

15º- Na experiência da escola, a construção pedagógica da paz não significa tornar inocente, abstrato, encantador, aquilo que como violência é perverso, parece ser o concreto, o real e possível, o socialmente viável.

Ao contrário, nada mais dramático e nada mais radical do que a aventura de um “fazedor da paz”, de um militante pacifista. Dificilmente alguém como eles é tão corajoso. Porque lutando com o mesmo empenho que os emissários da guerra, lutam sem as armas que ferem ou matam o outro. A começar pelas armas das palavras e das idéias. A paz não é o lado sagrado do que é profano na violência. Não é poesia do que é tecnologia na violência. Não é o feminino no que é masculino ou macho na violência.

A paz é humana. É o que há de mais humano. Ela é dramática e é, finalmente, a grande aventura que cada um de nós, cada uma de nós pode viver. Só há guerra quando há medo. Só há violência quando há temor. É preciso uma enorme coragem, daquele que superou o mal, o temor, o medo, o pavor. Só aí pode haver paz. Só então há paz. Quem não teme, não odeia. Quem não odeia pode viver a experiência da paz. A violência, a guerra, o militarismo não são associados ao domínio, ao predomínio da coragem. São, ao contrário, associados ao medo. É porque eu tenho medo, é porque eu temo o meu outro que eu me armo e antecipo contra ele a minha guerra. Aprender a não temer, eis o começo da trilha da paz a ser ensinada às crianças e aos jovens. Pois só quem não teme o outro pode amá-lo.

Só há amor quando não há temor algum do meu outro. Aprender a não temer. Aprender a não se sentir humilhado. Aprender a não se colocar como inferior. Aprender a não se ver a si mesmo pelos olhos de utilidade de um outro, para um outro. A não se sentir separado da vida e nem digno dela. O ato de coragem mais absoluto é o de abandonar a violência, filha do medo, em nome da paz, a irmã da coragem de ser.

16º- Onde a violência aparece como produto da competição entre competentes, a paz deve realizar-se como processo de cooperação entre compromissados com o bem e com o dom.

Conspirar de todos os modos contra tudo o que fale em nome da competição, da concorrência e da conquista de algo em detrimento de outros, por mais que isso venha sob um olhar de um falso encantamento, como por exemplo, no mundo dos negócios. Conspirar contra tudo que fale em nome da competição desqualificadora e pratique de algum modo a hierarquia entre os desiguais. Conspirar contra tudo aquilo que no mundo da competição possa premiar um vencedor e castigar, pelo silêncio ou de outra maneira, todos os outros, os vencidos. Mais uma vez substituir o vencer contra os outros pelo vencer com e através dos outros. A grande violência, a violência que gera a barbárie não está nas favelas do Rio, não está nos guetos de São Paulo, ela está na Bolsa de Valores, ela está na excelência desumanizadora de alguns cursos de MBA, ela está no FMI, nos acordos impostos pelo FMI, ela está nas decisões do G-8 e na simples existência de algo como o G8.

Ela está em uma educação dada em escolas e universidades que não são apenas particulares, mas privadas e não apenas privadas, mas francamente empresariais. Aquelas que privatizam tudo, tornam os professores em empregados

e os empregados em mercadoria. E tratam alunos e estudantes como clientes pagadores. E que avançam sobre o ensino público, não apenas para tomar o seu lugar e tornar tudo objeto de compra e venda, coisas de mercado para controlar, também através da comunicação, todos os espaços interativos, todos os lugares onde se cria e recria a ciência, o saber, a compreensão, o valor.

17º- O reencantamento do mundo, o reencantamento da vida, o reencantamento de cada dia devem ser evidência de que em algum lugar a paz está caminhando e está avançando.

O rosto da paz não é apenas político. Ele é também ético. O rosto da paz não é somente ético. Ele é, antes, estético. Seu poder é o bem e sua bondade é a beleza. O que a paz gera não é só bem entre as pessoas, é a beleza entre elas e entre elas e o mistério da vida.

O próprio sumo bem da vida humana é uma vida realizada com harmonia, como a dança dos gestos daqueles que se irmanam e se solidarizam. O que se cria através do esforço por construir um mundo de paz não é um resultado partidário ou político e nem uma teoria pedagogia pacifista. É a própria vida humana tornada um gesto de beleza. É um trabalho de artista e é uma experiência de arte.

Não aspiramos o mundo de justiça e de paz, de inclusão e de liberdade para sermos ajustadamente bons, e para sermos ética e politicamente corretos. Buscamos construir um mundo social de primado da paz para fazer possível o levar todas as pessoas de todos os povos aos limites da experiência da beleza e da felicidade. O que é importante não é apenas melhorar tecnicamente o ensino, ou torná-lo mais conscientemente político e libertador, cidadão, participante. Principalmente não é torná-lo mais produtivo, mais eficaz, mais eficiente e mais ajustado ao mundo dos negócios e das mercadorias. O que é importa é humanizar e reencantar os cenários, os gestos e as experiências onde e com que se vive qualquer dimensão disso que chamamos: educação. Criar neles e através deles espaços, interações e entre-cenas de vidas de pessoas livres e felizes. E não pelo que aprendem, ouvindo de outros, mas pelo que criam como co-saberes e co-valores, co-vivências, na medida em que, crítica, ativa e encantadamente criam, elas próprias, as pessoas que são e os mundos de vida cotidiana em que vivem.

18º- Não devemos antecipar em crianças, adolescentes, jovens e mesmo nos adultos as pessoas cidadãos que de maneira programada nós queremos que eles sejam hoje ou em algum dia, ou as pessoas que nós, politicamente e pedagogicamente, projetamos para eles.

Crianças não se decretam, e pessoas humanas não devem ser educadas para serem como nós: a nossa imagem, o nosso espelho, mas para serem elas mesmas através de nós. E serem elas mesmas não através de nossa escolha pedagógica, mas através de nossa acolhida amorosamente educativa.

Mas, por outro lado, semear cenários, criar espaços e momentos dentro dos quais nossos estudantes e nós próprios possamos interagir livre e amorosamente, entre eles, estudantes e conosco, docentes. Esse é o caminho na criação de um protagonismo infantil e juvenil. Se a experiência da paz, do amor e da solidariedade não se aprende na escola com os artifícios de aprender pelo decorar, ou mesmo do criar puros conteúdos “a respeito de”, mas se aprende dentro de e entre vivências interativas que, criando significados e sensibilidades de amor, de fraternidade, de solidariedade os desafiam educadores e educandos a buscar saberes e sentidos que nos digam e aos outros o que é isso: a paz.

Devemos cuidar em não nos preocuparmos com o criar programaticamente antecipações provocadas e programadas de pessoas e de mundos, e a elas submeter as crianças para que elas, pensando que são livres, na verdade reproduzam apenas aquilo que nós programamos para elas. Podemos lembrar aqui a idéia tão fértil de Boaventura Souza Santos: toda ciência, todo saber, todo valor, e principalmente toda a educação, todo trabalho em sala de aula fala desde algum lugar social. Não somos anjos e talvez mesmo os anjos falem de algum lugar celestial ou angelical. Pessoas humanas que somos, pensamos e trocamos mensagens desde o *lugar social mercado de bens*, desde o *lugar social poder do estado*, ou desde o *lugar social vida da comunidade*, vida em comunidade. O lugar social da fala da paz é a multiplicidade diferenciada, livre e empoderada do lugar social das comunidades humanas.

É preciso deixar claro que o *lugar do mercado* fala a crianças, adolescentes, jovens e adultos desde o mundo do interesse e desde uma lógica da utilidade. A intenção constitutiva desse lugar social é o ganho, a acumulação e o lucro e, conseqüentemente o outro só pode ser referenciado, pensado e vivido como alguém que me interessa porque me aufero ganho, ou lucro. Ele vale para mim enquanto meu puro objeto, minha coisa, minha mercadoria.

O *lugar social estado*, à esquerda ou à direita, fala desde o mundo do poder. A interação dominante é uma interação de domínio e a relação fundadora é

uma relação de sujeição e subordinação. O meu outro é, mesmo quando impregnado de ideais, um objeto. Não mais um puro objeto de construção de meu ganho, mas de reconstrução de meu poder.

O lugar social comunidade fala desde o mundo da pessoa. A interação dominante é de partilha e a relação é de troca e de dom. Só que o meu outro pode ser pleno sujeito e pode me desafiar a uma relação desobrigado do ganho, do lucro, da sujeição e do domínio.

19º- Não são apenas interativos, mas são interativamente sociais os gestos de construção da paz, entre eu e eu mesmo, entre eu e os meus outros, nós e nossos outros, e, para além de nós, seres humanos, nós e a vida, nós os múltiplos seres da vida, nós e o mundo da Vida

A verdadeira paz se constrói através de um conjunto, ao mesmo tempo pequeno e imenso, de atitudes pessoais interativas de vocação da paz. Uma adesão a uma cidadania responsável. Criar a cada momento a experiência da paz. Sair da esfera dos bens, e colocar-se do ponto de vista do círculo dos dons, da aceitação da simplicidade voluntária, e de uma sustentável comunhão com a vida. Não apenas o respeito, mas a experiência cotidiana da diferença, da multiculturalidade, do transculturalismo, da pluri-educação. Saber colocar-se do ponto de vista do Outro. Saber pensar pensando também como o outro estaria pensando sendo ele mesmo e, não, eu. Saber proceder assim na relação em que eu penso que ele pensa contra mim, para compreendê-lo antes de contesta-lo, ou mesmo agredi-lo.

Integrar a ciência como valor e o valor como experiência do amor. Saber interagir diferentes saberes, como os da arte, os da ciência, os da espiritualidade. Constituir como diálogo entre diferentes o que era até aqui o monólogo entre desiguais, ou uma fala autoritária hierárquica em que a ciência se colocava e coloca ainda acima de tudo mais e se constitui como único saber verdadeiro ou, pelo menos, confiável.

Compreender a fundo as razões pessoais, interativas e sociais da própria violência, já que é tanto de e sobre a violência que estamos sempre falando. E falando dela porque nos deixamos impregnar de medo do Outro. Saber, por exemplo, que as pessoas não violentam lugares da cidade quando os reconhecem como os seus, como o seu lugar de acolhida. Vândalos, se é que existem vândalos, quebram escolas, mas não quebram igrejas e nem bares. Só os ricos e as pessoas a serviço dos ricos roubam, na calada da noite, santos para serem vendidos.

Algumas pessoas depredam objetos e locais do governo, como símbolos de um poder com o qual não se reconhecem em comunhão. Mas não depredamos o centro comunitário que os nossos pais ou nós mesmos ajudamos a construir em nosso bairro, com as nossas mãos, em sábados e domingos. O jovem que quebra uma cabine telefônica não é um vândalo a ser preso e punido, mas talvez um solitário desesperado, e que desesperou de não receber nenhum telefonema que lhe dissesse uma mínima palavra de acolhida e de amor.

20º- Criar uma vida que venha a ser, dia a dia, o aprendizado dos pequenos gestos essenciais da criação da Paz.

A Paz não é branca e abstrata. Ela é bem concreta e é de todas as cores. Colocar-se do ponto de vista da Paz, como uma realidade de cada dia da vida, a cada momento. Somar-se à rede de grupos humanos e de pessoas devotados à causa da Paz, tornar a vocação da Paz um eixo da vida pessoa e do trabalho da educação, tudo isto importa pequenos gestos essenciais. A experiência da Paz não é uma abstração. Ela é tão concreta quanto a do amor. Nada deveria ser tão palpável e tão concreto quanto o desejo de viver e de partilhar a Paz.

Deixar-se levar cada vez mais por uma orientação de desapego e de abandono de todas as formas pessoais e interativas regidas pelo princípio do ter, do possuir, do auferir ganhos e do acumular bens. A posse e o desejo do ganho, ao lado do medo de perder o que se acumulou, constituem uma das fontes do conflito. Renunciar ao acúmulo de ganhos em nome da partilha dos bens e a favor do aprendizado de uma vida regida pela solidariedade e centrada nos princípios de *ser e conviver*^{6r}.

Centrar o sentimento da identidade, da segurança e da confiança pessoal, tendo como o seu fundamento a fé no que se é, e na vocação de encontros e relações interativas originadas no amor e na busca do Outro como eixo criador de minha própria vida. Aprender a fazer-se autor de uma vida livre, fecunda e co-responsável, alheia ao desejo de centrar em si-mesmo o eixo da vida e dos relacionamentos, controlando em proveito próprio a pessoa dos outros e os cenários das interações da vida cotidiana.

⁶ Daqui em diante boa parte do que está escrito provém de um diálogo com leituras de Erich Fromm, especialmente de seu livro *Ter ou Ser?*, publicado pela Editora Guanabara/Koogan do Rio de Janeiro. Tenho comigo o a 4ª edição, de 1987.

Tornar-se responsável por si-mesmo, reconhecendo que ninguém e nada situado fora de nós e da vida interativa e social que nós mesmos criamos, dirige nossa vida e dá sentido a ela. Experimentar viver isto, reconhecendo também que um sentimento responsável de autonomia e de liberdade é o ponto de partida para uma atitude de partilha e de participação.

Centrar-se no presente e viver plenamente o presente de cada instante. O presente é o tempo em que eu sou, em que nós somos. O presente é o momento da vivência do amor e da troca. Ele não é algo que se possui, pois não se possui um presente e não se espera um futuro: somos e vivemos cada presente e criamos a cada momento o futuro que nos espera. Tem é Vida, não é dinheiro.

Viver a alegria. A alegria é o sentimento de quem sai-de-si e se lança na trilha do Outro pelo caminho da partilha do Amor. Do mesmo modo como o tempo presente, o Amor é algo que não se possui, que não se dá e que não se guarda. O Amor é algo que se partilha: o Amor pelo Outro é a partilha da Vida na relação livre e desinteressada do núcleo fundador da própria Vida: o *entre-nós*.

Aprender, passo a passo, a abrir mão de tudo aquilo que é a origem da desigualdade entre as pessoas e os povos: a ambição, a cobiça, o desejo do poder, o egoísmo e o ódio. Reconhecer em tudo isto a fonte não do poder e da riqueza, mas do medo. Só quem vive do desejo de possuir, de enriquecer, de dominar e de centrar em si o eixo e o sentido da vida, tem medo dela e dos outros. Todo o ódio esconde o temor do Outro.

Abrir mão do culto aos ídolos disfarçados do mundo do mercado. Onde em nossa vida está o Outro genuíno e, junto com ele, a busca do bem comum, não há lugar para ídolos. Onde não há ídolos a serem adorados, mas seres a serem amados, não há lugar para ilusões, e o seu lugar é ocupado pela realidade concreta da construção da utopia. Por causa da busca do Amor, ser amorosamente reflexivo e crítico. Quem não diz ao Outro amado a dura verdade que ele precisa ouvir, não o ama. E quem não ouve dele a verdade temida sobre si mesmo, não o ama e sequer se ama a si mesmo.

Devotar-se ao objetivo de realizar-se continuamente, através da busca solidária da realização de um nós pessoal, supra-pessoal, comunitário e planetário cada vez mais vivo dentro do ser-de-mim-mesmo.

Reconhecer que este objetivo nos a uma crescente entrega de vida inteira. Esta entrega abre-se a uma disciplina de vida, vivida não como uma obrigação exterior e imposta, mas como uma aceitação interior e espiritualmente devotada a ações interativas e sociais. Sou aquilo que crio com os outros. Crio aquilo que partilhamos juntos, Partilhamos aquilo que construímos. Construímos aquilo que sonhamos juntos para a realização plena da Vida em e entre todos Nós.

Sonhamos nada menos do que aquilo que estamos destinados: a partilha da felicidade como experiência da Vida.

Reconhecer as circunstâncias e os condicionantes da vida que vivemos nas estruturas sociais que compartilhamos. Mas reconhecer que uma coisa são estas estruturas de uma ordem estabelecida e o que elas fazem de nós e de nossas vidas. E uma outra coisa são as ações livres, progressivamente solidárias e co-responsáveis com que nos lançamos sozinhos e, melhor ainda, com os outros, à transformação de nós mesmos e de nossas vidas, no domínio de nossas vidas. O passo inicial que só se completa e realiza quando estendido às comunidades e redes de vida solidária que construímos. Cenários interativos e sociais de vida que se estendem das estruturas locais às regionais, às nacionais e até às planetárias da vida e da história que compartilhamos e que, se quisermos, podemos repensar, transformar e re-construir.

Livres do desejo do poder, do controle e do enriquecimento material, no plano de criação do Eu e do Nós como ser, podemos nos abrir a vãos do devaneio, do sonho e do imaginário. Que eles não nos sejam fugas do real, mas o alargamento dele através do como podemos estendê-lo em todas as suas dimensões. Toda a palavra e toda a ação que transformam pessoas, transformam suas vidas e transformam o mundo em que elas vivem e se encontram, é uma forma de poesia. Há um poeta vivo ou adormecido dentro de cada um de nós. Que ele desperte!

Tudo é o diálogo e tudo o que nega ou distorce o diálogo é uma forma de negação da Vida e do Humano. Todo o aprendizado solidário provém de momentos de diálogo e serve ao aprofundamento de nossa capacidade de viver diálogos e conviver entre diálogos. Toda relação gratuita é um encontro em um diálogo.

A primeira dimensão de alargamento e de aprofundamento dialógico é conosco mesmos. Aprender a criar o silêncio dentro do qual ouvimos, a nos falar e a nos ouvir, a voz e a atenção presente de nós mesmos.

A segunda dimensão é com o outro, os nossos outros, os outros de nós, nossos companheiros de destino, mas também os outros, entre próximos e distantes, habitantes de círculos que mesmo afastados dos nossos, são parte das teias e redes com que entretecemos a Vida e o Sentido da Vida.

A liberdade não é um direito humano estendido por outros a nós. Se for assim, não é a nossa própria liberdade, mas a pequena autonomia que tendo nos sido dada por outros, não nos livra das amarras de nós mesmos e do poder dos outros. A liberdade é um dever que construímos juntos a cada momento da Vida. Ela não é uma qualidade da vida e nem um estado social. É uma construção

solidária permanente. Frágil e efêmera, é o estar sendo sempre recriada e estendida o que a torna forte e perene.

Para que estejamos vivos, a cada instante de nossas vidas, é preciso que toda a arquitetura da Vida, dentro e fora de nós, esteja sendo de algum modo mantida e recriada. Não somos apenas a “vida em nós”, mas somos toda a vida em tudo o que há na natureza, de que a nossa pessoa física e, portanto, igualmente natural, é uma parte e uma partilha. Mas não é apenas por isto que devemos lidar com a Natureza, a Vida e a individualidade e a pluralidade dos Seres da Vida como outros sujeitos com quem compartilamos o Planeta Terra. É também porque eles, no todo do Cosmos e na pessoa de cada pequenino Ser da Vida, são outras dimensões de ser Pessoa. De serem um ser e um valor da Vida em si mesmos.

Devemos nunca esquecer da presença do mal no Mundo. Mas o mal que mais nos atinge é criado através da ação de pessoas e existe na sociedade. Tendo sido criado por ações humanas, por ações humanas ele pode ser reduzido e mesmo extinto. Nossa vocação humana é o bem e é o bem quem deverá ser perenizado e estendido a todos os povos e a todas as nações. A vocação humana é a da busca e a do encontro do bem, do belo e do verdadeiro. Tudo o mais são falhas, faltas ou doenças da experiência do humano.

O crescimento da pessoa e da comunidade constituem um processo sem fim. Este crescimento humano não é uma meta quantificável e de modo algum pode ser medido por critérios utilitários. Ele é muito mais o caminho por onde se vai do que algum lugar aonde se chegue.

As estruturas e os processos de relacionamentos entre as pessoas; entre as pessoas e as formas sociais de interação; e entre as pessoas, as instituições sociais criadas por elas, e os símbolos e sentidos, em cujos mundos de saberes, valores e significado em que elas vivem a sua vida e a história que pouco a pouco constroem, tal como estabelecidas e proclamadas pela atual ordem social neoliberal e globalizada, negam de muitas maneiras uma vocação humana destinada ao encontro, à partilha do ser e à felicidade. É em favor destas perdas e em nome de recriar mundos de vidas, de diálogos e de trabalhos humanos que nós nos devemos colocar. Não se trata de substituir um sistema social de relações sociais por outro. Trata-se de abolir progressivamente um sistema desumano (negador da vocação humana à felicidade) por um outro, por outros “mundos possíveis” em que a felicidade, regida pelo primado do ser sobre o ter, seja construído e plenamente realizado.

Em nós o que vale é a experiência da vida e a memória dela, como saber e sensibilidade. É o chão andado e é o desejo do bem e da partilha.

Acrescentar a este valor-pessoa isenta de títulos sociais honoríficos, uma crescente abertura à partida do tempo e dos bens. Aprender e ensinar a crianças e jovens que podemos ser mais felizes colocando nossas vidas, nossos tempos de cada dia e nossos bens da vida no círculo do “entre nós”. Dispor pouco a pouco, mas sempre mais, de tudo que possuímos e que podemos colocar à disposição: emprestando, dando, trocando, partilhando.

Aprender e ensinar o saber colocar-se de uma maneira pessoal e militante cada vez mais à margem ou fora do controle do mundo dos negócios. Lembro-me de que no começo desse ano, protegido por um muro de concreto e por uma milícia formidável, um pequeno grupo de poderosos se reunia em algum lugar da Europa, na reunião anual do G-8, para decretar o destino econômico do mundo. Enquanto isso, aqui mesmo em Porto Alegre milhares de pessoas reuniam-se nas ruas de Porto Alegre para dizerem, entre cores e cantos, entre elas e para o todo o mundo, que “um outro mundo é possível”; uma outra experiência de mundo é possível. Eis o caminho da semente da PAZ: Envolver-se em nome desse mundo com a própria teia da vida.

E como o caminho aqui proposto é longo e difícil, eu queria terminar o que venho dizendo, com um pensamento de uma pessoa que ainda não conheço. Foi em um recente Encontro em Osório, aqui mesmo no Rio Grande do Sul, que eu encontrei a sua mensagem em uma das folhas de papel distribuídas entre nós. Saibamos partilhar o pensamento do professor Geraldo Estáquio de Souza. Ele diz assim:

Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério, é que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.